

A DINÂMICA DAS FESTAS RELIGIOSAS DOS SANTOS PADROEIROS NA ARQUIDIOCESE DE NATAL: ESPACIALIZAÇÃO DAS PARÓQUIAS¹

RESUMO

Este artigo trata da dinâmica das festas religiosas dos santos padroeiros das paróquias espalhadas na Arquidiocese de Natal – Rio Grande do Norte, Brasil. A metodologia consiste na interpretação da espacialização das paróquias e da possibilidade que têm os católicos de manifestar sua fé por meio da procissão. Ao se apropriarem dos santos e os tornarem padroeiros, em sua concepção de religiosidade, eles exercem o poder religioso pela devoção e pela lógica sociorreligiosa da fé cristã. As paróquias se espalham pela Região Metropolitana de Natal e por cidades interioranas sob a jurisdição da Arquidiocese de Natal, onde a Igreja Católica se faz visível por suas práticas religiosas. Elas se localizam segundo a lógica geográfica da cidade, agrupadas por zonas. Refletem as atitudes dos paroquianos em relação à missão da Igreja, tornando visível o poder da fé no santo padroeiro. As festas religiosas editadas nas paróquias são indutoras de uma dinâmica sociorreligiosa que espelha a cultura da fé cristã, prática da sociedade católica local.

PALAVRAS-CHAVE

Santos padroeiros, Festas religiosas, Paróquia, Arquidiocese de Natal, Rio Grande do Norte.

INTRODUÇÃO

O objeto espacial deste estudo são as paróquias. Elas representam “uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco, como o seu pastor próprio, sob a autoridade do bispo diocesano” (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 2012: Cân. 515, § 1).

Por essa diretriz, o fenômeno festas católicas, articulado nas paróquias, possibilita que os católicos percebam, a partir dos santos padroeiros, sua aproximação com o espaço sagrado, na ordem das coisas – religiosa e social – sempre como parte integrante da “vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida” (ROSENDAHL, 1996: 11).

Compete à Igreja anunciar sempre os lugares sagrados, destinados ao culto divino ou à sepultura dos fiéis, mediante dedicação ou bênção, o que é prescrito pelos livros litúrgicos (CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 2012: 302, Cân. 1205).

¹ Este produto é resultante da pesquisa intitulada Dinâmica e mapeamento das festas religiosas do Rio Grande do Norte: representação e significado, vinculada a base de pesquisa Dinâmicas Urbana e Regional.

É explicitado, no Código do Direito Canônico – A Igreja Católica Apostólica Romana se estrutura e se organiza segundo o documento legislativo “baseado na herança jurídico-legislativa da revelação e da tradição” (CÓDIGO CANÔNICO, 2012) que, em lugar sagrado, só se pode admitir aquilo que favoreça o exercício e a promoção do culto, da piedade, da religião. Logo, que for inconveniente à santidade do lugar é vedado. Todavia, a Igreja, per modum actus, pode permitir outros usos, não, porém contrários à santidade do lugar (CÓDIGO DIREITO CANÔNICO, 2012: Cân. 1210).

O espaço sagrado e o espaço profano são vinculados a um espaço social. A “Ordenação do espaço requer sua distribuição entre sagrado e profano: é o sagrado que delimita e possibilita o profano” (ROSENDAHL, 1996: 32).

O movimento humanista destaca serem o homem e a mulher, em seus valores, objetivos, significados e propósitos, a totalidade, para construírem interpretações do mundo, e o fazem via percepção, mas também pelo imaginário que elaboram acerca do meio em que vivem, o que segundo Rosendhal (1996), torna possível a reflexão do fenômeno religioso na geografia.

Nesse contexto, a Província Eclesiástica de Natal, que compreende a Arquidiocese de Natal, pertencente à Regional Nordeste II, da qual fazem parte Pernambuco, Paraíba, Alagoas e o Rio Grande do Norte, apresenta-se como estrutura que dá as diretrizes para às práticas culturais religiosas. É dividida em três vicariatos e treze zonais. Vicariato (ou Vigariato) Apostólico é uma circunscrição eclesiástica governada por um bispo titular, em nome do papa, vinculada à Congregação para Evangelização dos Povos.

No capítulo 1º do código do Direito Canônico – “Das igrejas particulares/de eclesiis particularibus”, no canône 371, parágrafo 1º, está explicitado que “O vicariato apostólico e a prefeitura apostólica são uma determinada porção de Deus que, por circunstâncias especiais, ainda não está constituída como diocese, e que é confiada a um Vigário apostólico ou a um prefeito apostólico, como a seu pastor, que governa em nome do Sumo Pontífice” (VATICANO, 2012, p. 121).

O vicariato urbano da jurisdição da Arquidiocese de Natal é composto pelos seis zonais – 1, 2, 3, 4, 11, 12. Enquanto o vicariato norte é formado por três zonais – 5, 6, 7 e, o vicariato sul compreendem quatro zonais – 8,9,10,13, conforme consta a estrutura da Arquidiocese de Natal (ARQUIDIOCESE DE NATAL, 2014).

Com essa estrutura espacial de vicariatos, a Arquidiocese é gestora das práticas e ações religiosas da comunidade católica. Aqui, há de se considerar a cultura religiosa, que se faz em torno de objetos, um dos quais é a própria cultura, entendida em termos de significados da catolicidade.

O alcance espacial da cultura da fé religiosa católica é variável, pois tende a sofrer alterações no tempo e no espaço, porque o processo de espacialização, tanto no passado como no presente, tem implicado a ressignificação de diversos aspectos da vida. Assim,

novos objetos, ideias e valores recriam significados para coisas que, no passado, tinham outro sentido ou compreensão.

Os lugares se inserem em uma espacialidade, na qual se manifestam tensões das práticas religiosas, que se transformam via força simbólica. A importância simbólica do lugar produz representações, especialmente localizadas. Algumas delas são produzidas intencionalmente pelas sociedades locais, que incitam práticas religiosas, as quais são concebidas como sagradas ou de profanas.

Pensar as práticas religiosas e/ ou a catolicidade nas cidades da jurisdição da Arquidiocese é vincular sua devoção aos santos padroeiros, nos quais depositam fé. Nessa prática religiosa, destacam-se os espaços sagrados e os profanos, delimitados pelo que é chamado de “ponto fixo”, onde se verifica a hierofania (revelação de algo sagrado/sacralização). Já o espaço profano é aquele onde se desenvolve a festa.

Dimensão espacial das festas religiosa para os santos padroeiros

As práticas religiosas permitem resgatar a espacialidade das paróquias e dos católicos. As festas religiosas dos santos padroeiros variam, dependendo do contexto e dos grupos que as realizam. Segundo Dantas (2002: 2) a festa revela também “ethos e visões de mundo”, pois o religioso marca a dinâmica dual das relações sociais e da sociedade com os objetos do mundo (GIL FILHO, 1999), que é apreendida pelo evento da procissão.

Essas festas desempenham, na cultura religiosa, papel importante no contexto da sociedade local. Nelas estão presentes anseios, crenças, expectativas e valores. Por isso, nelas tem sentido festejar, o que, no dizer de Dantas (2002: 3) possibilita “afirmar identidades, reutilizar tradições e mitos, gerar renda, criar novas formas de expressão, dramatizar situações e afirmações de um grupo cultural”, a delineando a cultura religiosa.

As festas religiosas dos santos padroeiros são eventos coletivos em que, a “sociedade pode ter uma visão não rotineira de si mesma”, conforme explica Dantas (2002: 4). Elas com seus ritos, representados pelas procissões, são categorias que assumem importância na organização social e na cultura da sociedade regional/local.

Por sua representação simbólica, no seu significado e na formação da religiosidade, as festas religiosas constroem uma relação dialética entre realidades ideais e realidades sociais e entre indivíduo e sociedade. As festas católicas são frutos da disposição dos indivíduos para a sacralidade e, ligadas à totalidade social: são portas abertas para os homens entrarem no mundo sagrado, conforme pontua Dantas (2002).

Estreitam-se, assim, entre os indivíduos, atitudes para com o sagrado e para com o profano, numa relação de complementaridade. É como se tudo que acontecesse durante

a festa, mesmo sendo profano, tivesse algo de sagrado ou especial, conforme avalia Maués.

Para os católicos, os santos são venerados por diversas lógicas. Para muitos, eles são intermediários para se falar com Deus. Além disso, alguns deles, pelas características que lhes são atribuídas, são escolhidos pelos fiéis para reforçar a própria identidade da comunidade religiosa.

Assim, as festas católicas em comemoração, aos santos padroeiros das cidades do Rio Grande do Norte, no caso, jurisdição da Arquidiocese de Natal, marcam um momento coletivo e significativo para as pessoas religiosas de fé cristã, que se denominam católicas. Tais comemorações/festas dão ritmos as cidades e a vida sociorreligiosa das famílias católicas no espaço em que se realizam.

A arquidiocese em sua estrutura e organização espacial

A arquidiocese é a província eclesiástica que abrange as dioceses, entidades que têm no território religioso apropriado pela Igreja católica sua jurisdição. Ela é governada e presidida pelo bispo, o metropolitano, o qual, a partir do ano de 1301, passou a ser chamado arcebispo – bispo que tem a missão de ser chefe espiritual e de jurisdição da arquidiocese, também, chamada metrópole.

Pode-se dizer que a arquidiocese é a diocese do arcebispo. Cada arquidiocese possui uma “catedral”, local onde se encontra a “cátedra” (cadeira) do arcebispo. Na paramentação litúrgica, o arcebispo metropolitano distingue-se pelo uso do pálio, o qual tem a forma de uma faixa circular, que é carregada sobre os ombros e da qual pendem ante o peito e nas costas, duas tiras retangulares, tudo de lã branca, destacando-se nela seis cruces de seda negra ou vermelha.

Quanto à diocese, também chamada de bispado, segundo o Vaticano, cân. 369 é a “porção do povo de Deus confiada a um bispo” (DIREITO DO CÓDIGO CANÔNICO, 2012: 120). Nela, existe a Cúria Diocesana, ou seja, o conjunto de organismos com os quais o bispo governa pastoralmente. Os bispos têm como investiduras o anel, que simboliza seu casamento com a Igreja e a diocese. O báculo, que lembra um “cajado”, simboliza que ele é o pastor de sua diocese. Os bispos são sucessores dos apóstolos como pastores da Igreja, mensageiros do Evangelho de Cristo. Também são chamados de sufragâneos.

Em cada diocese, há um ou mais vicariatos. Os vicariatos episcopais são instrumentos evangelizadores descentralizados. Situam-se, para o atendimento às exigências da ação evangelizadora, em cada grande área geográfica ou ambiental, organizando melhor o trabalho e as relações pastorais.

Já os vicariatos territoriais são divididos em áreas pastorais menores, designadas pelo Código de Direito Canônico (2012) como foranias, as quais agrupam algumas paróquias. O vigário episcopal (presbítero colaborador do bispo), nomeado pelo arcebispo, que forma com os representantes das foranias, a coordenação do Vicariato.

Cada Vicariato envia representantes para comporem a Coordenação Arquidiocesana de Pastoral. Os vigários episcopais cultivam uma estreita relação pastoral com o arcebispo, na medida em que colaboram para o governo pastoral da arquidiocese. Eles multiplicam e difundem o próprio ministério do arcebispo.

A área, ou região pastoral (forania) compreende um grupo determinado de paróquias dentro de um vicariato. Cada forania é confiada a um vigário forâneo (título outorgado pelo bispo a padres de um vicariato). Essa união de diversas paróquias, próximas territorialmente favorece o trabalho pastoral pela ação em comum. Os padres forâneos são eleitos pelos representantes das paróquias (párocos e vigários) para, por dois anos, representarem aquele território, ou seja, a forania, junto ao Conselho Presbiteral (VATICANO, 2012: 164, cân. 553-555).

A paróquia, antigamente chamada de “freguesia”, é uma comunidade dentro da diocese, entregue aos cuidados pastorais e administrativos de um presbítero, que recebe o título de pároco. Ele deve trabalhar em comunhão com a diocese, as lideranças pastorais e os demais fiéis batizados.

A paróquia deve ser compreendida como o conjunto de organização, estrutura e iniciativa pastoral a serviço da sociedade e da missão da Igreja. Nenhuma paróquia se basta a si mesma, nem realiza sozinha e autonomamente sua missão. Mas tem, na comunhão da Igreja particular, reunida em torno da diocese, e na comunhão universal da Igreja, lugar privilegiado, no qual a maioria dos batizados tem a possibilidade de fazer uma experiência concreta do encontro com Cristo e da comunhão eclesial.

A paróquia tem um território e uma igreja-mãe, ou matriz. O Código de Direito Canônico (2001: 155) define paróquia como “uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular.” (Cân. 515). Mas é preciso considerar que ela é uma comunidade de pessoas espalhadas em diversos espaços geográficos, nos quais também se encontram outras igrejas, que atuam numa situação de concorrência com a Igreja Católica.

A religião ancora o poder dos recursos simbólicos para a formulação de ideias analíticas, de um lado, e na concepção da forma total da realidade, ao

“[...] expressar emoções – disposições, sentimentos, paixões, afeições, sensações – numa concepção similar do seu teor difuso, seu tom e temperamento inerente. Para aqueles capazes de adotá-los, e enquanto forem capazes de adotá-los, os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o, deem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo, soturna ou alegremente, implacável ou cavalheirescamente” (GEERTZ, 1989: 77).

Que significa a crença religiosa para os homens? Talvez uma concepção cultural da fé e da religiosidade. Daí “Uma perspectiva é um modo de ver, no sentido mais amplo de ‘ver’ como significando ‘discernir’, ‘apreender’, ‘compreender’, ‘entender’. É uma

forma particular de olhar a vida, uma maneira de construir o mundo [...]” (GEERTZ,1989: 88)

Nessa perspectiva, a religião Católica Apostólica Romana é um fato sociorreligioso na vida cotidiana dos católicos, praticantes ou não praticantes, o qual, em si mesmo, é um produto cultural, enquadrado em termos de concepções simbólicas.

Também há de se discutir o significado e a representação da paróquia, na qual “a ação pastoral, ainda que extremamente concreto – o que não deixa de ser um valor –, é limitada: vive fechada sobre si mesma, gozando de sua pequena grande totalidade; seus serviços não chegam a determinados grupos e ambientes, tornando-se uma instituição minoritária, secundária, que sofre cada vez mais concorrência; não consegue corresponder a toda da missão da Igreja e às enormes e diversificadas demandas da cidade” (ALMEIDA, 2009:69).

Não que a “paróquia não tenha possibilidades pastorais, como [...] acolher os que se aproximam dela, dada a sua tradicionalidade, oficialidade e visibilidade; explorar as múltiplas possibilidades de contato, a despeito das qualidades de seus líderes; concretizar a identidade cristã, respondendo aos desejos e necessidades religiosas, à busca de atitudes e comportamentos morais e ao resgate da esperança” (ALMEIDA, 2009:69), talvez ela não se dê conta de que seu território e/ou sua vizinhança é/são ambígua(s) quanto a relações e interesses.

Não obstante, em seu modelo sociocultural reacionário, mas também de caráter processual, as paróquias tendem a interagir, tornando-se instituições de resgate cristãs que se verticalizam no sentido da visibilidade.

Nesta segunda década do século XXI, é preciso refletir sobre o que diz Hans Küng ao debruçar-se sobre judaísmo: “Defendo a conversão de todos ao Deus verdadeiro e único, reconhecido de igual forma por cristãos, judeus e muçulmanos”. O autor pontua que é urgente a “grande coligação de crentes e não crentes” pois há necessidade de “renovação espiritual”. E acrescenta Küng que cada uma delas deveria contribuir, a partir da sua própria tradição, e apesar de todas as diferenças dogmáticas, para uma ética comum para a humanidade (KÜNG, 1992).

A paróquia, em seu território e em seus contornos de territorialidade, ao se constituir um lugar de circulação comunicativa, com suas ações congregadas à sociedade, pode redefinir-se o que, via de regra, tem ocorrido. Quando ela se apropria das festas dos santos e agrega os elementos da fé religiosa e do expediente profano, transforma-se, efetivamente, em lugar de encontros de todos.

Organização e estrutura das paróquias da Arquidiocese de Natal

A apropriação dos santos padroeiros pelos paroquianos, da Arquidiocese de Natal, em suas concepções de religião/religiosidade católica e pela dimensão de sua fé, caracteriza o poder imagético irradiado pela devoção aos santos, estabelecendo uma lógica cultural: a da fé cristã.

Analisando-se como se distribuem as paróquias da Arquidiocese de Natal, detecta-se que elas se localizam segundo a lógica geográfica da cidade, mas agrupadas por zonais, regionalização estabelecida pela Igreja Católica. A paróquia, “legitimamente erigida, tem, ipso iure, personalidade jurídica” (CÓDIGO DO DIREITO CANÔNICO, 2012: 155, Cân. 515). Nela atua o pároco, submetido à vigilância do Bispo.

A paróquia organizada reflete a organização e as atitudes dos paroquianos em relação a sua missão na igreja. Parece comum aos fiéis externarem o poderio da fé, nos santos padroeiros formatando práticas religiosas.

Nessa direção, as reflexões permitem pontuar que a existência dos santos induz a que as paróquias tenham, na sua gestão, a intencionalidade da organização das festas a eles dedicadas. Em tese, essas festas se dão num tempo em que os paroquianos batizados se congregam na comunidade local e com outras cidades circunvizinhas, não apenas para realizar o novenário e a procissão, mas também para promover a festa profana local e dela participar.

Esse fato tem uma representação e sua significação especial: perpetuar, reativar as esperanças e promover a sintonia entre a Igreja de Deus e os cristãos. Cria-se, assim, uma centralidade religiosa e profana na celebração anual das festas.

A Igreja Católica Apostólica Romana encontra no desejo da comunidade paroquial estratégias para fazer acontecer uma prática cultural religiosa e social, que tem garantido que o ato da fé ganhe espaço de congraçamento entre católicos praticantes e não praticantes, estabelecendo elo entre Deus e a Igreja. A paróquia precisa proporcionar muitas oportunidades ao seu povo – por exemplo, aperfeiçoar o diálogo com a sociedade e direcionar a atualização da ação pastoral, entrelaçando-a com as diretrizes da diocese.

As Paróquias e o território via as práticas religiosas

Ao se referir à paróquia o Cardeal Dom Odilo Scherer (2011) indaga “Para quem existe mesmo a paróquia?” e “Sua paróquia consegue atender, de maneira adequada, a tríplice missão da Igreja?”.

Ora, ela é e se concretiza por ser uma comunidade de homens e mulheres. Também porque ela é o lugar que a maioria dos batizados tem como a base, da igreja “onde a vida e a missão da Igreja acontecem” (SCHERER, 2011). Sendo, assim, a experiência concreta da Igreja se gesta no consolidar suas ações ordenando o espaço para, então atuar.

Daí resulta o aparato da estrutura administrativa, na qual assenta-se aqui o olhar de diagnose apoiando-se na documentação da Igreja. A Igreja Católica Apostólica Romana se estrutura e se organiza segundo o Código, um documento legislativo “baseado na herança jurídico-legislativa da revelação e da tradição” (CÓDIGO CANÔNICO, 2012: 10). João. Paulo II asseverou: “a Igreja precisa de normas para que se organize devidamente o exercício das funções que lhe foram divinamente confiadas,

principalmente as do poder sagrado e da administração dos sacramentos [...]” (CC, 2012: 12).

O espaço de atuação da Igreja é dimensional, seguindo uma ordem de planejamento e de hierarquia. A Arquidiocese de Natal, como de costume, regionalizou o território em dioceses e estas em paróquias. O termo paróquia provém do grego “para-oikia, ou seja, aquilo que se encontra perto ou a redor” (CC, 2012: 155; Cân. 515), portanto tem o sentido de conformação, delimitação de um território,, onde há aglomeração de pessoas de mesma identidade religiosa.

A territorialidade católica no Brasil revela a permanência de antigas divisões administrativas herdadas de uma tradição oriunda da Idade Média. O território da Igreja católica compreende estruturas específicas que incluem a distribuição espacial e a gestão do espaço (ROSENDAHL; CORRÊA, 2003:3).

Para os autores os “Edifícios da Igreja, lugares sagrados, paróquias e dioceses são lugares e áreas separados por limites, dentro dos quais a autoridade e o acesso são controlados, constituindo-se em território religioso” (1997). O efeito do sagrado tem visibilidade em uma “identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo” (ROSENDAHL; CORRÊA 2003:3), pois os fiéis pertencem ao território religioso, e este pertence à paróquia.

A espacialidade das paróquias dos santos padroeiros de Natal

A relevância da evangelização se apoia no diálogo cultural religioso da fé. Ou seja, a cristalização do elo religioso, que os católicos viabilizam por meio das festas aos santos padroeiros nas paróquias, formata a territorialização da Igreja Católica Apostólica Romana, no Rio Grande do Norte. Atrela-se à fé cristã que, numa ação sociocultural-religiosa, engendra e expõe o fato religioso, como representação e com significado.

Trata-se de uma lógica própria de difundir os valores que a cultura religiosa das procissões dos santos padroeiros engendra, mostrando a identidade dos católicos. A fé, nesta contemporaneidade – século XXI –, é incorporada como “o ato do intelecto que assente à verdade divina, por intermédio da vontade, movida pela graça de Deus” (AQUINO, 1980: 2055). É uma aceitação por parte dos católicos, ou seja, é significante e porta significado.

O mundo passa por grande mutação cultural, o que explica as atuais transformações, daí Joana Puntel (2005) “[...] admitir que exista uma mudança de época [...]. Vivemos uma época da história com sinais evidentes de transição. Em tais momentos, o ser humano passa sempre por uma sensação de vazio, de falta de senso e de normas, de incertezas e de crises permanentes [...]” (PUNTEL, 2005: 85-86).

É preciso que se percebam os traços que sobressaem na mudança de época. As transformações sociais e culturais agitam o mundo atual, pois, vivem-se fortes transformações de época, cujo nível mais profundo é o cultural. O pluralismo cultural e religioso da sociedade atual repercute fortemente na Igreja, contudo, historicamente, os

católicos têm convicção de que sua cultura religiosa é sustentada pela sua fé. Daí por que a consciência dessas pessoas trabalha pela busca do diálogo entre fé e cultura.

As relações que se estabelecem entre os cristãos católicos e os santos católicos, nas terras potiguares, proclamam nas procissões a forma justa da fé e da cultura religiosa, que se fundamenta e se estrutura no propósito de não perder o sentido de Deus, porque, perdendo-o, “tende-se a perder também o sentido do homem, da sua dignidade e da sua vida” (JOÃO PAULO II, 1995). Portanto, os valores culturais herdados direcionam a realização de atos que modelem o processo sociocultural religioso.

Nessa contextualidade sociocultural-religiosa, faz-se e dignifica-se o patrimônio cultural das procissões. Ao se pontuar a espacialidade das paróquias da Arquidiocese de Natal, é necessário recolocar-se o diálogo da fé e da cultura religiosa, que é interativo e capaz de produzir um fato, compreendido como uma tradição, que implica adesão a “palavra de Deus”.

A leitura possível de como os católicos do Rio Grande do Norte habilita sua crença pode ser expressa na dinâmica peculiar às festas ligadas à Igreja, que se realizam no interior das cidades e tendem a caracterizar a importância das paróquias no contexto da cultura religiosa.

Com esse propósito a estrutura de gestão e organização espacial da arquidiocese é legitimada pelas paróquias, cognominadas, culturalmente, com os nomes dos santos padroeiros.

Segundo essa lógica, a paróquia da catedral tem por padroeira Nossa Senhora da Apresentação. Porém as ações e práticas da Arquidiocese de Natal se territorializam numa dimensão espacial que pode ser cartografada, segundo a composição explicitada no quadro 1.

QUADRO 1
VICARIATO URBANO DA ARQUIDIOCESE DE NATAL
SANTOS PADROEIROS DE NATAL POR BAIRROS, PARÓQUIAS E ZONAL

Padroeiro (a)	Cidade (bairro)	Paróquia	Zonal
Nossa Senhora (Sra.) da Apresentação	Natal (Tirol)	Catedral de Nossa Sra. da Apresentação	I
N. Sra. da Apresentação	Natal (Cidade Alta)	N. Sra. da Apresentação	I
São Pedro Apóstolo	Natal (Alecrim)	São Pedro Apóstolo	I
São Sebastião	Natal (Alecrim)	São Sebastião	IV
Bom Jesus das Dores	Natal (Ribeira)	Bom Jesus das Dores	I
Nossa Sra. das Graças/ Santa Terezinha	Natal (Tirol)	Nossa Sra. das Graças/ Santa Terezinha	I
São João Batista	Natal (Lagoa Seca)	São João Batista	I
Nossa Sra. de Lourdes	Natal (Água Preta)	N Sra. de Lourdes	I
Sagrada Família	Natal (Rocas)	Sagrada Família	I

Sagrado Coração de Jesus	Natal (M. Branco)	Sagrado Coração de Jesus	II
Nossa Sra. da Candelária	Natal (Candelária)	Nossa Sra. da Candelária	II
Santa Rita de Cássia dos Impossíveis	Natal (P. Negra)	Santa Rita de Cássia dos Impossíveis	II
São João Batista	Natal (Vila P Negra)	São João Batista	II
St. Afonso Maria Ligório	Natal (Capim Macio)	St. Afonso Maria Ligório	II
N. Sra. Aparecida	Natal (Neópolis)	N. Senhora Aparecida	II
São Camilo de Lélis	Natal (Lagoa Nova)	São Camilo de Lélis	II
Santo Padre José de Anchieta	Natal (Lagoa Nova)	Bem-Aventurado Padre José de Anchieta	IV
São Francisco de Assis	Natal (Pitimbu)	São Francisco de Assis	III
Cristo Rei	Natal (Cj. Pirangi)	Cristo Rei	III
Santa Clara	Natal (Pitimbu)	Santa Clara	III
Bto. Ambrósio Fcº Ferro	Natal (Planalto)	Bto. Ambrósio Fcº Ferro	III
Nossa Sra. da Esperança	Natal (C Esperança)	Nossa Sra. da Esperança	IV
N. Sra. Perpétuo Socorro	Natal (Quintas)	N. Sra. Perpétuo Socorro	IV
Nossa Sra. Auxiliadora	Natal (F. Camarão)	Nossa Sra. Auxiliadora	IV
Jesus do Bom Pastor	Natal (Bom Pastor)	Jesus do Bom Pastor	IV
Mártires Cunhaú e Uruaçu	Natal (Nazaré)	Santuário Mártires de Cunhaú e Uruaçu	IV
Nossa Sra. da Assunção	Natal (Guarapes)	Nossa S. da Assunção	IV
Nossa Sra. de Fátima	Natal (Pajuçara)	Nossa Senhora de Fátima	XI
Santa Maria Mãe	Natal (Stª Catarina)	Santa Maria Mãe	XI
Santo Antônio de Pádua	Natal (P. Coqueiros)	Santo Antônio de Pádua	XI
Nossa Sra. de Santana	Natal (Cj. Soledade)	Nossa Sra. de Santana	XI
Santa Luzia	Natal (Lagoa Azul)	Santa Luzia	XI
São João Bosco	Natal (Gramoré)	São João Bosco	XI
Nossa Sra. de Fátima	Parnamirim	Nossa Senhora de Fátima	III
Beato André Soveral	Parnamirim	Beato André Soveral	III
Beato Mateus Moreira	Parnamirim (Cidade Verde)	Beato Mateus Moreira	III
Nossa Senhora do Carmo	Parnamirim (Nações)	Nossa Senhora do Carmo	III
Nossa Sra. de Guadalupe	Parnamirim	Diaconia Nossa Senhora de Guadalupe	III
São Miguel	Extremóz	São Miguel	XI
São Gonçalo do Amaranto	São G. do Amaranto	São Gonçalo Amaranto	XI
São Lucas	São G. do Amaranto	São Lucas	XI
Santo Antônio	São G. do Amaranto	Santo Antônio	XI
Nossa Sra. da Conceição	Macaíba	Nossa Sra. da Conceição	XII

Fonte: Arquidiocese de Natal. Organização do autor.

O vicariato urbano – Zonal I –, compreende a paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, que corresponde à catedral, especificamente, e outras paróquias, como a de Nossa Senhora da Apresentação (Cidade Alta), a de São Pedro Apóstolo (Alecrim), a de Bom Jesus das Dores (Ribeira), a de Nossa das Graças e de Santa Terezinha (Tirol),

a de São João Batista (Lagoa Seca), a de Nossa Senhora de Lourdes (Água Preta) e da Sagrada Família (Rocas).

Encontram-se no vicariato urbano – Zonal II –, as paróquias do Sagrado Coração (Morro Branco), de Nossa Senhora da Candelária (Candelária), de Santa Rita dos Impossíveis (Ponta Negra), de São João Batista (Vila de Ponta Negra), de Santo Afonso Maria Ligório (Capim Macio), de Nossa Senhora Aparecida (Neópolis), e de São Camilo Lélis (Lagoa Nova).

As paróquias de São Francisco de Assis e de Santa Clara estão localizadas no bairro Pitimbu, de Cristo Rei (Conjunto Pirangi) e do Beato Ambrósio Francisco Ferro (Planalto) estão circunscritas no zonal III. A Arquidiocese de Natal tem, ainda, em sua jurisdição, as paróquias localizadas no município de Parnamirim, que são: a de Nossa Senhora de Fátima, a do Beato André Soveral, a do Beato Mateus Moreira (Cidade Verde), a de Nossa Senhora do Carmo (Parque das Nações) e a diaconia de Nossa Senhora de Guadalupe, que também fazem parte do vicariato urbano-zonal III. (Ver o quadro 1a).

QUADRO 1a.
VICARIATO NORTE/ARQUIDIOCESE DE NATAL
SANTOS PADROEIROS DA CIDADE DE NATAL POR PARÓQUIAS E ZONAL –

Padroeiro	Cidade (bairro)	Paróquia	Zonal
Nossa Senhora (Sra.) da Apresentação	Natal (Tirol)	Catedral Nossa. Senhora da Apresentação	I
N. Sra. da Apresentação	Natal (Cidade Alta)	N. Sra. da Apresentação	I
São Pedro Apóstolo	Natal (Alecrim)	São Pedro Apóstolo	I
São Sebastião	Natal (Alecrim)	São Sebastião	IV
Bom Jesus das Dores	Natal (Ribeira)	Bom Jesus das Dores	I
Nossa Sra. das Graças/ Santa Terezinha	Natal (Tirol)	Nossa Sra. das Graças/ Santa Terezinha	I
São João Batista	Natal (Lagoa Seca)	São João Batista	I
Nossa S. de Lourdes	Natal (Água Preta)	Nossa Senhora de Lourdes	I
Sagrada Família	Natal (Rocas)	Sagrada Família	I
Sagrado Coração de Jesus	Natal (M. Branco)	Sagrado Coração de Jesus	II
Nossa Sra. da Candelária	Natal (Candelária)	Nossa Sra. da Candelária	II

Santa Rita de Cássia dos Impossíveis	Natal (Ponta Negra)	Santa Rita de Cássia dos Impossíveis	II
São João Batista	Natal (Vila P Negra)	São João Batista	II
Santo Afonso Maria Ligório	Natal (Capim Macio)	Santo Afonso Maria Ligório	II
Nossa S. Aparecida	Natal (Neópolis)	Nossa Senhora Aparecida	II
São Camilo de Lélis	Natal (Lagoa Nova)	São Camilo de Lélis	II
São José de Anchieta	Natal (Lagoa Nova)	São José de Anchieta	IV
São Francisco de Assis	Natal (Pitimbu)	São Francisco de Assis	III
Cristo Rei	Natal (Cj. Pirangi)	Cristo Rei	III
Santa Clara	Natal (Pitimbu)	Santa Clara	III
Bto. Ambrósio Francisco Ferro	Natal (Planalto)	Bto. Ambrósio Francisco Ferro	III
Nossa Sra. da Esperança	Natal (C Esperança)	Nossa Sra. da Esperança	IV
N. Sra. Perpétuo Socorro	Natal (Quintas)	N. Sra. Perpétuo Socorro	IV
Nossa Sra. Auxiliadora	Natal (F. Camarão)	Nossa Sra. Auxiliadora	IV
Jesus do Bom Pastor	Natal (Bom Pastor)	Jesus do Bom Pastor	IV
Mártires Cunhaú e Uruaçu	Natal (Nazaré)	Santuário Mártires Cunhaú e Uruaçu	IV
Nossa Sra. da Assunção	Natal (Guarapes)	Nossa Sra. da Assunção	IV
Nossa Senhora. de Fátima	Natal (Pajuçara)	Nossa Senhora de Fátima	XI
Santa Maria Mãe	Natal (Stª Catarina)	Santa Maria Mãe	XI
Santo Antônio de Pádua	Natal (Pq. Coqueiros)	Santo Antônio de Pádua	XI
Nossa Sra. de Santana	Natal (Cj. Soledade)	Nossa Sra. de Santana	XI
Santa Luzia	Natal (Lagoa Azul)	Santa Luzia	XI
São João Bosco	Natal (Gramoré)	São João Bosco	XI
Nossa Sra. de Fátima	Parnamirim	Nossa Senhora de Fátima	III

Beato André Soveral	Parnamirim	Beato André Soveral	III
Beato Mateus Moreira	Parnamirim (C. Verde)	Beato Mateus Moreira	III
Nossa Senhora do Carmo	Parnamirim (Pq. Nações)	Nossa Senhora do Carmo	III
Nossa Sra. de Guadalupe	Parnamirim	Diaconia Nossa Sra. de Guadalupe	III
São Miguel	Extremoz	São Miguel	XI
São Gonçalo do Amaranto	São G. do Amaranto	São Gonçalo do Amaranto	XI
São Lucas	São G. do Amaranto	São Lucas	XI
Santo Antônio	São G. do Amaranto	Santo Antônio	XI
Nossa S. da Conceição	Macaíba	Nossa S. da Conceição	XII

Fonte: Arquidiocese Eclesiástica de Natal. Organização do autor.

No vicariato urbano – Zonal IV –, encontram-se as paróquias de São Sebastião (no bairro do Alecrim), do Padre José de Anchieta (Lagoa Nova), de Nossa Senhora da Esperança e de Nossa Senhora Auxiliadora (Felipe Camarão), de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Quintas), de Jesus do Bom Pastor (Bom Pastor), Santuário Mártires de Cunhaú e de Uruaçu (Nazaré) e de Nossa Senhora da Assunção (nos Guararapes).

No vicariato urbano – zonal IX –, situam-se as paróquias de Nossa Senhora de Fátima (Pajuçara), de Santa Maria Mãe (Santa Catarina), de Santo Antônio de Pádua (Parque dos Coqueiros), de Nossa Senhora de Santana (Conjunto Soledade), de Santa Luzia (Lagoa Azul) e de São João Bosco (Gramoré).

O vicariato urbano – zonais I, II, III, IV, V, VI, VII, XI E XII – é integralizado pelas paróquias localizadas na cidade de Natal, formando uma rede com as demais paróquias localizadas em unidades geográficas da Região Metropolitana de Natal, e com de outras cidades interioranas, ampliando a gestão.

O zonal XII corresponde ao município de Macaíba (sede), onde se localiza a paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

Considerações

A dinâmica da festa religiosa dos santos padroeiros na Arquidiocese de Natal, no Rio Grande do Norte, pode ser percebida a partir da identidade paroquial dos católicos praticantes e não praticantes espriados pelas paróquias.

Os eventos festas dos santos padroeiros não apenas representam momentos de lazer das sociedades locais (cidades), mas também a estratégia que os paroquianos têm de ressaltar sua devoção aos santos da Igreja católica. As procissões dos padroeiros têm significância especial e espiritual para os católicos praticantes, ou não, que veem nessa prática religiosa o sentido da fé.

A festa dos santos padroeiros se configura como um acontecimento, integrada à sua dinâmica. Expressa sociabilidade, interesses e articulações que, se dá em função dela. Ela legitima a ordem sociorreligiosa que os católicos têm, em sua própria realidade territorial.

Que falta a esse aglomerado de paróquias, da jurisdição da Arquidiocese de Natal, a se fortalecerem como uma diocese, particularmente, as paróquias do interior? A organização do espaço afetado pela fé evidencia a natureza efetiva e de relações com as cidades. Para resgatar a cultura da fé a Igreja precisa investir, remodelar-se e conceber importância aos católicos, daqueles espaços, que ainda precisam ser integrados às relações da Igreja.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Antônio J. Paróquia, comunidades e pastoral urbana. São Paulo: Paulinas, 2009.

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. 2. ed, Porto Alegre: Escola de Teologia/Universidade de Caxias do Sul/Livraria Sulina, 1980.

CASSIER, E. Linguagem, mito e religião. Porto: Rés-Editora, 2000.

CÓDIGO de Direito Canônico. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. 50 Anos do Concílio Vaticano II. Brasília: Edições Paulinas, 2012.

DANTAS,

PAULO II, João. Cruzando o limiar da esperança. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

PUNTEL, Joana. Cultura midiática e igreja: uma nova ambiência. São Paulo: SEPAC/Paulinas, 2005.

ROSENDAHL, Zeny. O Sagrado e o Espaço. In.: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

_____. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. **A Territorialidade da Igreja Católica no Brasil – 1800 e 1930**. Textos NEPEC, n. 1, Rio de Janeiro, 2003.

FRIEDLANDER, Albert. A Angústia da fé religiosa na era da globalização. In: FRIEDLANDER, Albert et al. **Globalização, ciência, cultura e religiões**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Dom Quixote, 2003, p. 23-36.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Sílvio F. Espaço, representação e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso. Ra'e Ga o espaço geográfico em análise. Curitiba, v.3, n.3, p. 91-120, 1999.

KÜNG, Hans. Projeto de ética mundial. São Paulo: Paulinas, 1992.

VATICANO. **Código de Direito Canônico**. 12. ed., Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Nem sempre os significados religiosos atribuídos pelos atores à festa obedecem aos objetivos e à própria lógica da Igreja católica, idealizadora e organizadora do festejo. Tampouco os significados profanos atendem os interesses dos organizadores da dimensão social do espetáculo, mas sim às concepções de mundo desses 24

Perguntamos a muitos romeiros como eles ouviram falar dessa festa; a maioria respondeu que foi por meio de parentes e/ou amigos que já participaram das festas dos anos anteriores. Nenhum deles disse ter recebido convite de algum morador, ou via os meios de comunicação de massa, como rádios, à exceção de alguns romeiros, que organizam as romarias, os quais, às vezes, recebem convite dos comerciantes que alugam suas casas durante as festas.